

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA
Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de ports
Anno ou 24 numeros 2\$600 | Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros 1\$300 | N.º avulso ou pago á entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS
Anno ou 24 numeros 3\$000 | Semestre ou 12 numeros 1\$500

3.º ANNO—VOLUME III—N.º 54

15 DE MARÇO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



OS EXPLORADORES HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS NO-REGRESSO DA SUA VIAGEM Á AFRICA EQUATORIAL
(Segundo uma photographia)

SUMMARIO

TEXTO.—Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO—Viagens dos SRS. HERMENEGILDO CAPELLO e ROBERTO IVENS na Africa Equatorial, ALBERTO DE CERVAS—Visconde de Menezes, RANGEL DE LIMA—As Rossas gravuras—Architectos da Batalha e dos Jeronimos, ABEL ACACIO—A Luctuosa, ALBERTO BRAGA—Bibliographia.

GRAVURAS.—Os exploradores Hermenegildo Capello e Roberto Ivens no regresso da sua viagem á Africa Equatorial—Bellas-artes, Em Cintra, quadro de Alfredo Keil premiado na Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro em 1879—Uma Lagoa na Tapada de Mafra—Visconde de Menezes—Brazil, Botafogo—Affonso Domingues architecto do convento da Ba. talha—Mãe e unhas de grande senhor chinês—Mãe e unhas de grande senhor Annamita—Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Pessoas chegadas dos arrabaldes dão noticia de terem encontrado a primavera com o regaço cheio de flores a espargir rosas sobre a fronte das colinas.

Abril antecipou-se e, com o pseudonimo de março, anda lá fóra a correr pelos valles atraz dos Faunos. Os arvoredos rebentam n'um sorriso de flores e os rouxinoes pediram licença á camara municipal para este anno começarem os seus concertos mais cedo.

Entretanto, debaixo do ponto de vista official, o inverno ainda impera em Lisboa. Em S. Carlos canta-se e em S. Bento legisla-se. As galerias do parlamento continuam a ser frequentadas pelos amadores do theatro lyrico e os *fauteuils* de S. Carlos continuam a ser uma succursal das cadeiras legislativas.

Ultimamente, na galeria da camara dos pares, os espectadores levaram o seu zelo pelo justo equilibrio entre a opera e a representação nacional, até ao ponto de dispensarem a uma a pateada que na vespera tinham dispensado a outra.

E se entre a pessoa do sr. cardeal patriarcha e a da senhora Cristofani, debaixo do ponto de vista mundano, ha uma differença que a semelhança do canto não consegue de modo algum disfarçar, é justo dizer-se que os espectadores não distinguem muito entre as manifestações do desagrado devidas aos *coros* de que o venerando prelado por um lado e a formosa prima dona por outro fazem parte, — um nas instituições e a outra na opera.

— Justo é dizer-se; tanto S. Carlos como a representação nacional dão provas evidentes da preguiça característica do genio nacional. Desde o começo da epocha que o theatro lyrico nos promete uma opera nova e sómente agora correm uns vagos rumores de que esse acontecimento musical vaie ter logar no fim do mez. Ouviremos pois o *Guarany*, não tanto como opera mas como canto de *cysne* da estação, da mesma fórma que o *imposto do rendimento* está talvez guardado para *canto de cysne* da legislatura.

Com a differença de que, em vez de ser um canto explorado pelas almas sentimentaes, será talvez elle que explore as almas.

— Depois do nosso bello firmamento e das nossas noites de luar, a preguiça publica constitue entre nós um dos mais justos assombros do estrangeiro. Todos se commovem com as formaturas de Cintra, mas nenhum deixa de se admirar da magnitude da inercia publica.

Carolus Durand, por exemplo, o grande pintor francez que n'este momento está em Lisboa, possui-se de uma tristeza extrema quando se vê todos os dias na impossibilidade de trabalhar antes da uma ou duas horas da tarde. Mais cedo ninguem tem a *toilette* feita e seria

de uma indelicadeza suprema, em face das praticas estabelecidas, que um pintor fosse bater á porta de um dos seus graciosos originiaes antes d'aquella hora.

Todos os dias se vêem nos grandes jornaes francezes noticias como esta: «Houve hontem ás 8 da manhã reunião de conselho de ministros no Elyseu sob a presidencia do sr. Julio Grevy.»

Entre nós que ministerio seria capaz de semelhante excessso burguez? Governo que se atrevesse a tanto ficava immediatamente desacreditado e seria indigno da consideração publica. Seria apontado á indignação dos circulos como incapaz de gerir a fazenda nacional e as opposições articulariam contra elle os libellos mais atrozes, accusando-o de attentar contra a independencia da patria — almoçando talvez assorda.

Este horror ás madrugadas, que não sejam manifestadas em verso, explica o motivo porque nós fazemos em 8 dias o que os outros povos costumam fazer em 8 horas. Nunca respiramos o ar vificante da manhã. O sangue nacional dessora-se e as instituições acordam sempre com os olhos inchados.

O parlamento abre-se sempre ás 2 da tarde. Quando toda a natureza já tem lidado um terço do dia na faina da criação, principiam os legisladores a lidar na faina dos projectos.

Sarah Bernardth, contava ainda ha poucos dias um chronista francez, explica a producção assombrosa do seu talento pela circumstancia de não empregar tempo nenhum nas minudencias que ás outras pessoas levam muitas horas. A sua *toilette*, que é a mais excentrica e a mais artistica da França, leva-lhe, o maximo, dez minutos. Por economia de tempo ata o cabelo no alto da nuca e não faz visitas a ninguem. O tempo que os outros empregam em fazer cumprimentos, emprega-o a fazer esculpturas; em logar de estudar ao espelho o penteado do cabelo, estuda as contracções tragicas do rosto, de fórma que em quanto outra qualquer mulher tem esbanjado um tempo precioso em atar as fitas do chapéo, ella tem simplesmente creado o papel de D. Sol.

Oh, se nós impozessemos aos nossos deputados a obrigação de se vestirem em dez minutos, e apresentarem-se no seio da representação nacional, convenientemente escanhoados, ás 10 horas, quantos não abjurariam do seu mandato!...

E todavia qual é d'elles o que em elegancia se atreve a competir com Sarah Bernardth? Que se apresente a fim de ser competentemente verificado — e pesado.

— O *Vega*, um resolute barco a vapor que ha pouco praticou o arrojado inaudito de passar do mar Arctico para o Pacifico pelo estreito de Bhering, levando a seu bordo o explorador Nordenskjold, com mais 25 tripulantes, acaba de entrar no nosso porto.

O OCCIDENTE não deixará de consagrar uma pagina a este arrojado empreendimento, que póde fornecer tantos dados preciosos á sciencia como aos romances contemporaneos.

Nordenskjold, é um suco, filho do paiz da neve, o que de certa fórma explica que elle possa ter vivido bloqueado pelos gelos em Thiktchit, muitos dias, ou por outra, muitas noites, n'uma temperatura 36° abaixo de zero. O seu feito porém não deixa por isso de ser menos arrojado. Para um suco encontrar a passagem nordeste não basta sair de casa e voltar a esquina defronte. É preciso caminhar mais alguma coisa, como Nordenskjold, o qual depois de dar a volta á roda do mundo, veiu descançar socegradamente doze horas em Cintra como se acabasse de ter dado a volta do Terreiro do Paço.

— N'este momento, nas regiões litterarias ao menos, pensa-se um pouco na commemoração do terceiro anniversario da morte de Camões. Este movimento de reconhecimento tem, porém mais uma feição particular do que publica, devemos dizel-o. O espirito nacional, quebrado o frio da tradição, alheiou-se inteiramente das

antigas glorias, e o sublime epico, apoiado na sua espada sobre o pedestal em que o mundo official e bourocratico o collocou na praça do seu nome, preside aos destinos d'uma sociedade que no fundo acredita muito mais no preço das inscripções do que no valor dos *Lusíadas*.

Os vultos que rodeiam o pedestal do grande epico deviam representar ao menos os membros da *Junta de Credito Publico*. Entretanto tomemos as manifestações que se preparam como um bom symptoma e alimentemos a esperanza de que Portugal no proximo mez de junho possa ter a comprehensão dos seus destinos. Entre o Camões morrendo na enxerga d'um hospital, sem um lençol para se amortalhar como o representa a lenda, e o Camões consagrado em dez ou doze novas edições de luxo dos *Lusíadas*, com festivaes lyricos, illuminações, conferencias, congressos, jornaes commemorativos, exposição de mulheres formosas no palacio de Crystal e uma serie de invenções suggeridas pela fantasia do que tomam o immortal poeta, como a personificação das nossas glorias, ou tambem pelos que o tomam — nos tempos de prosa que vão correndo — como uma fonte de receita, entre um e outro Camões, ha na verdade uma distancia que nos deve lisongear a todos.

Façamos de conta que tudo isto — até os proprios jornaes commemorativos — é sincero e desinteressado, e a nossa consciencia sentir-se ha enfim alliviada d'um grande remorso.

É verdade que nós, no intimo, não temos de que nos accusar. Não estava na nossa mão celebrar os centenarios de Camões já decorridos...

— Com relação a letras quotidianas vou arremessar para longe a sombra d'um pequenino remorso que ha cerca de quinze dias passeia comigo. Fallando da *Revista de Coimbra*, disse, não sei por que diabrura graphica ou por que transviamento de memoria, uma tremenda falsidade. Accusei o sr. Carlos Lobo d'Avila de escrever unicamente n'aquelle numero a secção biographica, quando a verdade é que eu tinha lido d'elle poucas, paginas antes, uns traços biographicos do proprio director da *Revista*, o doutor Corrêa Barata. Por tal signal uns traços biographicos magnificos, á moderna, sem a certidão do baptismo mas com as linhas mais predominantes da phisionomia do homem e do escriptor.

Por esta fórma esconjuro d'ante mão a *Revista de Coimbra* no caso d'ella ter em mente invectivar-me no proximo numero, como eu na verdade merecia.

— N'este momento saídos das officinas nationaes não tenho diante de mim livros que mereçam o sacrificio dos typographos me comporem e do leitor me amaldiçoar, com excepção d'um a que na verdade eu não posso dedicar simplesmente as derradeiras linhas.

É um livro d'uma senhora e de mais a mais um precioso livro, dupla qualidade que me obriga a reservar-lhe na chronica um melhor logar, da mesma fórma que já lh'o reservo no meu espirito.

GUILHERME D'AZEVEDO.

VIAGENS

DOS SRS.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

Afastado durante algum tempo das grandes viagens de determinação geographica, Portugal entrou ultimamente de novo, em materia

d'um modo brilhante e felicissimo. Poucas expedições que tanto fizessem como a portugueza tiveram a fortuna de terminar com todos os brancos que as emprehenderam vivos e validos.

Juntem-se as duas grandes cartas que d'África trouxeram Serpa Pinto, Hermenegildo Capello e Roberto Ivens, messa-se n'ellas a distancia percorrida, attenda-se aos paizes selvagens, por povos e territorios, por onde os tres viajantes andaram, attenda-se aos recursos empregados, ao tempo gasto, e diga-se-nos depois não é esplendida esta renovação de descobertas e audacias com que volta a apparecer no mundo, o povo dos antigos descobridores.

No periodo de grande decadencia que ha tantos annos vamos atravessando, deixando as sciencias progredir, transformar-se, crear-se mesmo inteiramente, sem que tenham precisado para isso registrar um só esforço, uma só observação, uma unica descoberta nossa, — n'este longo periodo, n'um consideravel abaixamento do nivel moral, vimos-nos obrigados a arranjar uns grandes sabios, uns grandes economistas, uns grandes historiadores, uns grandes financeiros, uns grandes politicos, uns grandes litteratos, uns grandes homens emfim de uso exclusivo de nossa casa, uns grandes homens para cá, uns grandes homens por isso, com os de todas as nações e em todo o sentido, *incomparaveis*.

Por isso nos devemos agora regosijar de ter, em explorações scientificas, conseguido apressar ao mundo tres nomes que podem com gloria pôr-se ao lado dos meliores que os paizes estrangeiros teem produzido. Esses tres nomes são, por ordem alphabetica: Hermenegildo Capello, Roberto Ivens, e Serpa Pinto.

Muito citado por a imprensa periodica portugueza, e ultimamente largamente transcripto n'um grosso volume publicado sobre o assumpto, quem escreve estas linhas tem a declarar que não julga ter ainda chegado o momento de discutir e avaliar completamente as explorações ultimamente feitas na Africa Austral.

Os artigos que hoje começam a publicar-se terão unicamente por fim, como os artigos publicados em tempo sobre a viagem de Serpa Pinto, o dar a descripção, quanto possivel fiel, dos principaes feitos da exploração, das suas principaes determinações, da natureza dos paizes atravessados, dos caracteres das raças enzes contradas, da impressão emfim da viagem tal como se poder deduzir da narração dos distintos exploradores, nos pontos unicamente mais salientes e importantes. Os artigos serão de resto apenas, é claro, como as *conferencias* que os dois exploradores vão fazer, um como que o annuncio do livro completo que desde já os viajantes preparam.

A vida pois dos srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens, que se acham n'este momento no estado de glorias nacionaes, não é já hoje indifferente nas suas particularidades a ninguém.

Por isso começamos por registrar aqui alguns dados capitaes das suas biographias.

I

Hermenegildo Capello nasceu em 1841 no castello de Palmella, — que de Lisboa se avista, do outro lado do Tejo, quebrando elegantemente a linha continuada de uma serra distante.

Em 1835 assentou praça, e, de 1839 a 1860, acabando o curso de marinha, fez a sua primeira viagem á Madeira.

Em 1860 embarcou como guarda-marinha na corveta *Estephania* e partiu para Angola. Foi esta a sua primeira viagem a Africa, ha justamente 20 annos. Era a *Estephania* acompanhada pela *Bartholomeu Dias* commandada por el-rei D. Luiz, e ambos os navios faziam parte da esquadra que ia levar tropas para a guerra do Dembe. Hermenegildo Capello recebeu a medalha d'essa expedição. Depois d'ella ficou 3 annos na estação naval da Africa Occiden-

tal, na *Pedro Nunes*, na escuna *Cabo Verde*, cruzando.

Em 1863 voltou a Lisboa na fragata *D. Fernando*, sendo promovido a segundo tenente em 1864. Então voltou a Africa na corveta *Sá da Bandeira* fazendo escalla pelo Rio de Janeiro e Pernambuco. Foi por esse tempo, no cruzeiro d'África, que, estando Capello na escuna *Napier*, commandada por o actual visconde de Paço d'Arcos, esta apressou pelas alturas de Benguella um patacho negro hespanhol.

Em 1866 Hermenegildo Capello regressou a Lisboa na *Sá da Bandeira*, mas para pouco depois voltar a Angola na *D. João I*, conservando-se em cruzeiro na costa occidental d'África até 1869.

A barca *Martinho de Mello* levou-o a Moçambique: ia lá levar mantimentos á expedição, onde se achava Serpa Pinto, que combatia o Bonga. O navio foi e voltou pelo Cabo da Boa Esperança, na antiga viagem dos galeões epicos.

Em 1870, apezar de recémchegado a Lisboa, partiu logo para Cabo Verde na canhoneira *Tejo* commandada pelo sr. Fernando Costa Cabral.

Foi então que um ataque dos povos Papeis a Feitorias portuguezas fez enviar á Guiné uma expedição. D'ella fazia parte Hermenegildo Capello. Uns 800 homens desembarcaram em Cacheu commandados pelo coronel Crato. Era n'uma densissima floresta equatorial formada de *mognos* e de *carvoeiros* collossaes, na especie de península onde habitam os Papeis, entre o rio de S. Domingos e as ilhas de Jatte, de Bissis e de Bissau, na embocadura do Geba. Os negros começaram por fugir dispersando na frente, mas depois, no matto, com espingardas, começaram a fusilar a columna portugueza. Esta incendiou a povoação de Cacanda, mas 8 brancos caíram mortos e mais de 12 feridos. Hermenegildo Capello commandava durante o combate o forte D. Luiz e, com 6 peças de artilheria, protegia o ataque. Ahi uma terrivel explosão de polvora ia-o matando.

Voltaram emfim a Cabo Verde.

Em 1872 Hermenegildo Capello achava-se de novo em Lisboa. Mas, um mez depois da sua chegada, partia na mesma canhoneira *Tejo*, já como *immediato*, para a China, pela Italia, — Civita Vecchia, Roma — e pelo canal de Suez. Ao chegar a Macau foi promovido a primeiro-tenente e assim visitou Hong-Kong, Cantão, etc.

Em 1876 voltou á Europa no transporte *Africa*.

Ao chegar o couraçado *Vasco da Gama*, Hermenegildo Capello foi nomeado seu official. N'esse navio foi a Inglaterra pouco depois.

Em 1877 finalmente, foi nomeado para a expedição do interior da Africa, indo logo a Paris e Londres, com Serpa Pinto, organizar o material necessario.

A 7 de junho de 1877 chegaram os dois exploradores a Africa.

Nenhuma vida de official de marinha foi como esta, assim, mais completamente dedicada á Africa. De 1860 a 1872 só poucos mezes se conservou, e de passagem, fóra do grande e desconhecido continente. Membro de uma familia de naturalistas de vocação, Hermenegildo Capello empregou todas as suas viagens em colligir exemplares zoologicos e enriqueceu notavelmente o Museu de Lisboa. Muitas vezes, a bordo, os seus camaradas se riam das collecções de que elle enchia o camarote e os logares disponiveis do navio. Mas elle, impassivel, sob os epigrammas e as impacencias, proseguia consciencioso na sua tarefa benemerita.

Em 1850 nasceu na ilha de S. Miguel dos Açores, Roberto Ivens. Era muito novo quando veiu para Portugal.

Em 1867 sentou praça, terminando o curso em 1870 e embarcando como aspirante para a India na corveta *Estephania*. Tratava-se então de abafar as tentativas de revolta das tropas de Goa.

Ao voltar, pouco depois, a Lisboa, já guarda-marinha, apenas o deixaram estar em terra 6 dias, fazendo-o logo partir para Angola na cor-

veta *Duque da Terceira*. Ahi andou no cruzeiro, na estação, percorrendo, na canhoneira *Rio Minho*, e na escuna *Napier*, todos os pontos importantes da costa desde Mossamedes até S. Thomé onde estava em 1874 quando o transporte *Martinho de Mello*, passando ahi, o trouxe a Portugal.

Durante o cruzeiro da costa occidental da Africa foi encarregado de desembarcar no Congo e em Cabinda. Os indigenas haviam roubado e insultado ahi negociantes portuguezes. As expedições portuguezas de que Ivens fazia parte poderam, por vezes, rehaver as fazendas. As vezes tambem caçavam de manhã os pretos na bahia de Cabinda e iam ás *sanzalas* dos povos de Malemo entregal-os mas exigir em troca o que pertencia aos negociantes.

Em 1874, sendo segundo-tenente, e embarcando na corveta *Duque da Terceira*, foi a S. Thomé d'ahi ao Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Montevidéu.

Em março de 1876 regressou Roberto Ivens a Lisboa, partindo, logo em abril do mesmo anno, para os Estados Unidos, a bordo do transporte *India* que ali foi levar a Commissão e os productos portuguezes para a Exposição de Philadelphia.

Quem escreve estas linhas era passageiro n'essa occasião a bordo do mesmo navio. De Lisboa á embocadura do Delaware gastaram-se 19 dias. Eu levava alguns livros de viagens em Africa. Ivens tinha os ultimos volumes do *Annuario Geographico*, de Vivien Saint-Martin, que nós liamos, discutindo. Era durante o dia, passeiando na tolda, ou de noite, durante as longas horas do quarto, sobre a *ponte*. O *India* desceu bastante ao sul para evitar o mau tempo e ahi, principalmente, o *martinho*, muitas vezes, durante a noite, uma ardençia fulgurante. Ivens fallava d'África então, das viagens a realizar, das descobertas a fazer, das maravilhas das grandes florestas, dos lagos, dos rios immensos de origens mysteriosas e successivas cataractas fataes; e fallava dos grandes exploradores, dos portuguezes esquecidos pelo mundo, de Livingstone e, principalmente, de Cameron, que dois mezes antes chegara ao Ambriz, e de Stanley, de quem então havia poucas noticias na Europa, e que se approximava já do Tanganika para começar, pouco depois, a parte mais esplendida e rude da sua travessia: a descida do Lualaba-Zaire. E Roberto Ivens, animado, traçava no ar, com grandes gestos, as linhas a descobrir do grande continente, e indicava, estendendo os braços, rapidamente, em varias direcções, e ao mesmo tempo, precipitado, com passos rapidos, a posição dos logares que elle já conhecia, o curso provavel dos novos rios, a situação relativa dos paizes, com uma abundante verbosidade imaginosa de *improvisatore* italiano, e os seus brilhantes olhos negros e a sua phisionomia tão portugueza, tão completamente peninsular, apezar do seu nome inglez e dos seus parentes inglezes.

As vezes, havia, nas nossas conversações sobre taes assumptos, horas desanimadas de tristeza: Que fazia Portugal no meio dos trabalhos do mundo? Sem sciencia propria, sem industria progressiva, sem invenção, com uma litteratura por tantos lados imitadora e insignificante, não haveria já tambem entre nós a audacia, a coragem, o poder de acção que haviamos tido em tão alto grau? A esse tempo não se creara ainda a sociedade de geographia de Lisboa e ninguém fallava, de um modo positivo e pratico, de qualquer exploração portugueza.

Os 19 dias da nossa viagem á America do norte foram assim constantemente occupados, por conversações sobre Africa, por leituras da sua geographia e por planos de exploração.

A ultima vez que eu vi Ivens na America deu-me elle o grosso volume que eu lhe emprestára, em que Lacerda, com tão boas intenções patrioticas como pouco senso litterario, analysa as viagens de Livingstone.

ALBERTO DE CERVAES.

(Continua).

BELLAS ARTES

VISCONDE DE MENEZES

Se em Portugal ha poucos artistas que mereçam com justiça este nome, não faltam, em compensação, falsos amadores e curiosos. Haja vista a sala de qualquer burguez mais ou menos abastado, na qual os principaes adornos das paredes são, de ordinario, umas copias de cabeças de Julien, feitas a esfominho ou a traço grosso, encaixilhadas em molduras baratas e assignadas pelos meninos da casa.

D'estes amadores e curiosos, por via de regra mal dirigidos nas suas primeiras lições, raras vezes se faz um artista. Do meu tempo, porém, que me lembre, sei de quatro que alcançaram, sem favor, este honroso titulo: — o visconde de Menezes, Daniel Collaço, Ferreira Chaves e Alfredo de Andrade. O ultimo estabeleceu, ha vinte e cinco annos, a sua residencia em Italia, onde é conhecido como pintor e architecto notavel; Ferreira Chaves, cumprindo sempre com o maximo zelo os seus deveres burocraticos, conseguiu á força de trabalho tornar-se o nosso primeiro pintor de flores e um dos nossos primeiros retratistas; Daniel Collaço, actualmente consul de Portugal em Tanger, foi um pintor apreciavel e um caricaturista espirituosissimo; o visconde de Menezes, consagrando o melhor tempo da sua vida ao desenho e á pintura, conquistou pelo merito de suas numerosissimas obras, um logar distincto



EM CINTRA — Quadro de Alfredo Kell, premiado na Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro em 1879

entre os artistas portuguezes do seu tempo.

Luiz Pereira de Menezes, depois visconde de Menezes, era filho de um alto funcionario publico. Recebeu as primeiras lições de desenho de um francez que ensinava o que sabia de artes e de letras aos filhos das primeiras familias de Lisboa.

Desejando aperfeiçoar-se na arte de pintura que tanto prezava, e possuindo bens de fortuna sufficientes para não precisar de emprego para viver, L. P. de Menezes mandou ir o seu cavalete para o atelier do sr. Antonio Manuel da Fonseca, o pintor portuguez mais conhecido n'aquelle tempo, e com este habil mestre estudou e praticou durante alguns annos, mostrando sempre o maior entusiasmo pelas bellas artes e provando o seu aproveitamento em obras dignas da attenção dos entendidos.

Pelos fins do anno de 1813, el-rei D. Fernando visitou o atelier do sr. Fonseca para ver o quadro de *Eneas*, pintado por este artista. O distincto professor de pintura historica da Academia de bellas artes aproveitando o ensejo, apresentou a Sua Magestade o quadro do seu discipulo L. P. de Menezes, representando a *Morte de Abel*, ao qual o sr. D. Fernando teceu muitos elogios.

Por essa occasião, o periodico a *Revolução de Setembro* publicou um artigo laudatorio a respeito d'este quadro, no qual se dizia que o pensamento que presidira á composição era superior ao do quadro o *Sacrifi-*



UMA LAGOA NA TAPADA DE MAFRA — (Segundo um desenho do natural por Alfredo Kell)

cio de Isaac de Guercino, que a transparencia do colorido lembrava as tintas suaves da escola lombarda, que as figuras tinham o relevo das de Caravaggio, que a expressão era filiada na escola de Raphael, e outros exagerados encomios que deram vontade de rir até ao proprio amator artista, auctor da obra.

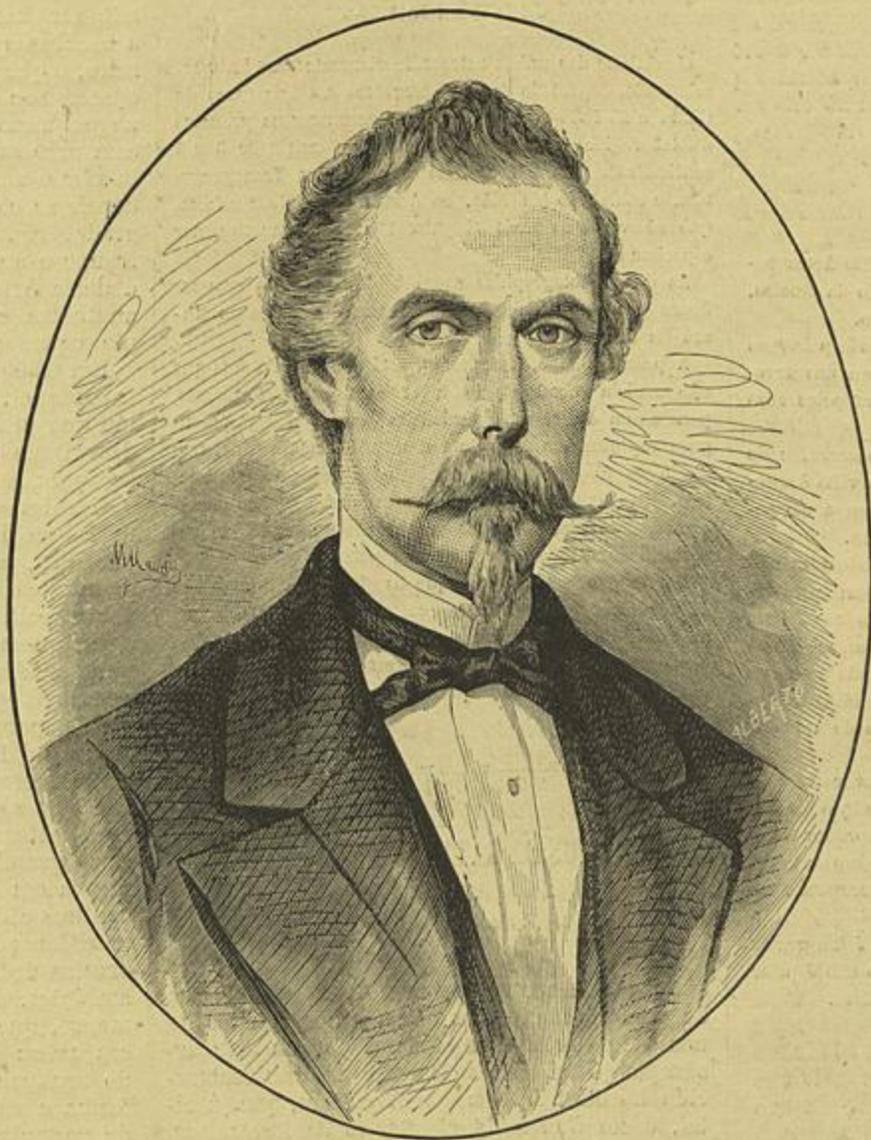
A verdade era que os trabalhos do talentoso principiante revelavam certa inspiração, vontade firme de progredir e boa direcção no estudo até alli feito.

Em 1844, partiu o promettedor artista para Roma com tenção, conforme diz o conde de Raczynski, de ir estudar na Allemanha. É certo, porém, que nunca realison essa tenção, porque o seu estudo fóra de Portugal foi feito unicamente n'aquella cidade e em Veneza.

Em Roma foi discipulo de Overbeck, um notavel artista allemão que se dedicára ao genero mystico, formando uma escola que foi por algum tempo muito apreciada na Allemanha, onde tem ainda alguns adeptos.

D'alli enviou o visconde de Menezes para Lisboa, em 1846, alguns quadros d'esta escola, entre os quaes veiu um para el-rei D. Fernando acompanhado de uma gravura do mesmo quadro. Depois, adoptando uma maneira mais larga, occupou-se de assumptos inteiramente profanos aqu que foi mais feliz.

Na exposição philantropica realisada na Sala do risco, em 1851, apresentou o visconde de Menezes os seguintes quadros a oleo, que foram muito apreciados: — *Um mendigo á porta de um casebre*; *Um soldado ferido em batalha*; *Um retrato do sr. C. W. King* (pertence ao retratado); *Uma rapariga de phantasia*, meia figura (pertence á ex.^{ma} sr.^a D. Olympia de la Lippe Chalbert); *Uma scena da vida contemporanea*; *O trovador da aldeia*; *Selim*, meia figura; *Uma vendedeira de uvas*; *Um soldado vete-*



VISCONDE DE MENEZES

rano e *Um assumpto da vida contemporanea*. Os dois ultimos pertencem a el-rei D. Fernando.

A' exposição effectuada no palacio de chrystal do Porto,

em 1861, enviou tambem diversos trabalhos, merecendo a honra de ser premiado com a medalha de prata.

Os seus melhores quadros, porém, quanto a mim, foram os que apresentou na primeira exposição da Sociedade promotora de bellas artes, da qual foi por alguns annos vice-presidente, distinguindo-se de entre elles o dos *Pescadores portuguezes*, o *Retrato da viscondessa de Menezes*, *Salvador Rosa e os bandidos da Calabria*, o *Tambor e Um caador de Lisboa*.

O quadro dos *Pescadores*, pertencente a el-rei D. Fernando, e que foi gravado para premio da Sociedade promotora é, sem duvida, aquelle em que o visconde de Menezes affirmou mais vigorosamente o seu talento de pintor de figura. É bem composto, correctamente desenhado e tem qualidades de colorido bastante apreciaveis.

O visconde de Menezes era a mais sympathica figura de artista que tenho conhecido. A sua cabeça não vulgar, dava idéa dos esplendidos retratos da antiga escola de Anvers. De um trato finissimo, ora estimado e respeitado por todos os que tinham a honra de o conhecer. Foi por muitos annos academico de merito da Academia real de bellas artes de Lisboa, e era condecorado com a commenda de Nossa Senhora da Conceição e com o grau de cavalleiro da ordem de S. Gregorio Magno, de Roma.

Eu que tive a honra de tratar de perto com o talentoso artista e distincto fidalgo, servindo com elle, por alguns annos, no conselho da Sociedade promotora de bellas artes em Portugal, folgo de ter occasião de prestar nas columnas d'esta folha uma sincera homenagem aos seus merecimentos de pintor, e ás qualidades de homem sympathico e digno que exornavam o seu character.

RANGEL DE LIMA.



BRAZIL — BOTAFOGO (Segundo uma photographia)

AS NOSSAS GRAVURAS

EM CINTRA

Quadro d'Alfredo Keil

Este quadro fez parte do peculio de Bellas-Artes enviado por Portugal á ultima exposiçãõ do Rio de Janeiro, aonde foi premiado com a medalha de ouro.

No primeiro plano depara-se-nos com a rude paisagem de Cintra, entrevendo-se, atravez da folhagem dos arvores, ao longe, o palacio real, tão celebre pelas suas poeticas tradições.

Ha verdade de tom e sentimento da natureza, e do local n'esta pequena tela aonde o ponto de vista é aproveitado com extrema arte e reproduzido com a elegancia que caracteriza os trabalhos d'este artista.

Esta obra d'arte como diversas outras produzidas modernamente pelos nossos artistas, attestam um certo renascimento e dão prova cabal de que não nos faltam appetidões, simplesmente nos faltam incentivos, e não só os officiaes, que esses nem sempre são dos mais proficuos mas os particulares, os que dimanam do publico, representam a força que anima as manifestações do trabalho de qualquer ordem que ellas sejam.

O quadrosinho representado na nossa gravura recebeu como dissemos, a medalha d'ouro na exposiçãõ do Rio de Janeiro, todavia não encontrou alli comprador como tem succedido a tantos outros trabalhos dos nossos artistas, expostos de tempos a tempos nos raros certamens nacionaes.

Ser premiado é na verdade bom; a gloria é um grande estimulo, mas vêr o seu trabalho comprado não é peor, como complemento das homenagens honorificas.

LAGOA NA TAPADA DE MAFRA

Toda a gente sabe que Mafra é uma das mais antigas villas de Portugal, conquistada aos moiros ahi por 1147, e distando 35 kilometros ao norte de Lisboa. Está ahi edificada a celebre basilica, obra de D. João v, e que por tantos titulos constitue uma das maravilhas do mundo catholico.

Junto a este grandioso edificio encontra-se a tapada, medindo 15 kilometros de circumferencia, e n'um dos mais occultos recessos d'esta matta, a lagoa que o distincto pintor e nosso apreciavel collaborador artistico Alfredo Keil desenhou do natural. E sobre este desenho feita a gravura que hoje damos no OCCIDENTE.

O local é dos mais pittorescos, e o desenhador soube imprimir na sua obra todo o sentimento d'esta natureza agreste e recolhida.

BOTAFOGO

É um dos mais formosos arrebalde da cidade do Rio de Janeiro, situado 5 kilometros ao SE. da mesma cidade, dando sobre a formosa bahia que constitue um dos mais apreciaveis encantos naturais do immenso porto sobre o qual se miram o Pão d'assucar e o Corcovado.

O caminho que conduz da cidade ao Botafogo é encantador, todo rodeado de formosas xacaras, disputando primazias pela elegancia das suas construcções ligeiras e dos seus jardins opulentos da mais rara vegetação.

Parte das familias mais abastadas da cidade têm a suas habitações no Botafogo, sitio desafogado e lavado d'ares, aonde não chegam as febres que, de quando em quando, assaltam certos locais insalubres do Rio de Janeiro.

Em fim, o Botafogo reúne tudo quanto de mais seductor se pôde encontrar no mundo. É uma maravilha do Creador aperfeiçoada pela mão da creatura.

A opulencia da natureza americana, combina-se perfeitamente com o estylo gracioso e leve das construcções. São edificações feitas, por assim dizer, com a flexibilidade propria para se enlaçarem com as largas folhagens das palmeiras e as frondosas ramagens dos coqueiros.

Na verdade são lindissimos os arredores da cidade do Rio, e mais vezes teremos occasião de reproduzir nas paginas do OCCIDENTE algumas d'estas paragens encantadoras tão admiradas dos que estão affeitos á natureza, por assim dizer, regrada e comedida do velho mundo.

UNHAS ANNAMITAS

O costume das unhas extraordinariamente grandes está, sobretudo, espalhado entre os elegantes dos dois sexos da China e da Indo-China. Não é raro encontrar na primeira d'estas regiões homens e mulheres com unhas de 3 e 4 centimetros. Mas é sobretudo na peninsula Transgangeica, e sobretudo em Sião, no Annam e na Cochinchina, que se veem os mais singulares e mais extravagantes especimens.

As duas photographias reproduzidas na nossa gravura fazem parte da excellente collecção antropologica do Museu de Paris.

A primeira mão, á esquerda, está armada d'unhas que não medem menos de 10 a 12 centimetros, formando, para assim dizer, uma verdadeira garra; a segunda figura representa a mão d'um dandy da Cochinchina, medindo as respectivas unhas 40 e ás vezes 45 centimetros. Este exagero toma-se como um caracteristico de suprema elegancia, e muitas vezes como um signal de superioridade n'aquelles excentricos paizes.

Em todo o caso é certo que os *fidalgos* chinezes são ás vezes coherentes nos seus costumes e usos. Desde que as mãos lhes não servem para o trabalho, e são simplesmente *objectos* de luxo, deixam crescer livremente todos os appendices com que a natureza os dotou.

ARCHITECTOS DA BATALHA E DOS JERONYMOS

(Conclusão)

Não me demorarei mais em divagações ácerca da nacionalidade, das obras e dos meritos do nosso immortal compatriota, porque este assumpto já foi com sufficiente detalhe esclarecido na obra *Monumentos Nacionaes*, que já citei, e no *Boletim Architectonico de Archeologia* (1875). Muito se illustrará o leitor consultando estas publicações.

Cessem, pois, os errados encomios, as ovações immerecidas, para que todo o louvor recáia sobre quem a elle tem direito. Pelo inolvidavel appellido de Boutaca olvide-se o de Castilho. A este stigma; áquelle o reconhecimento, áquelle a immortalidade, áquelle a gloria!

A mestre Boutaca succedeu o engenheiro Diogo de Torr'alva, que em 1551 era o architecto do convento, dirigindo as construcções até 1553 ou 1554. A elle se deve a terminação do claustro e a do cruzeiro, faltando apenas fechar-lhe a abobada. Esta é ainda mais digna de admiração que a da casa do capitulo do convento da Batalha. É a segunda menos abatida e tem uma superficie de 348 metros quadrados, emquanto que a primeira mede em área 1768 metros quadrados, sem que a sustente uma só columna! Das eminentissimas faculdades artisticas de Torr'alva não é licito duvidar, porquanto devem ser obra sua os pilares e pulpitos do cruzeiro, áquilatados como de um gosto tão novo e tão delicado, que o architecto francez, barão de Taylor, vindo a Lisboa em 1836, os mandou modelar em gesso pelo natural, a fim de levar comsigo a reproducção dos notaveis originaes.

A esse tempo vagava João de Castilho por varias terras do paiz, dirigindo reparos e construcção, pois que em 1520 superintendia nas obras de Alcobaça, em 1530 nas da Batalha, 1550 nas de Thomar. Está escripto, creio que pelo sr. Varnhagen, a pag. 74 do tomo 1.º da 2.ª serie do Panorama, que em 1551 dirigia Torre'alva o acabamento da capella-mór; o que se nos affigura inexacto, porque a esse tempo, quando muito, regressava Castilho de Thomar e vinha superintender nas obras de Belem; devendo portanto a da capella-mór ter sido concluida pelos annos de 1538 ou 39. Provavelmente por morte de Diogo de Torr'alva foi elle chamado a concluir o monumento, sem duvida objecto da mais extremada affeição do genio que o concebera; e sem commiseração pelo desamparo em que ficára o aleijado orphão, sem respeito pelo immensuravel amor que lhe

tributara seu defunto pae, após haver ordenado a conclusão e fechamento da abobada do cruzeiro, o que já teve lugar reinando D. João III, apressou-se em prestar impensadamente homenagem á sua paixão pelo *renascimento*, rasgando com mão sacrilega o risco primitivo da capella-mór e substituindo-lhe aquelle pelo qual ao depois se construiu essa móle de marmore regrada, fria, destoante, que ha tres seculos confrange o animo desgostoso dos amantes da verdadeira Arte, ao passo que ennodõa como um anathema e punge como um remorso posthumo a personalidade do seu delineador.

Em 1560 falleceu o prestadio architecto de D. Manuel, sem duvida ufano pelo vandalismo que practicára impune e que á sua mente desvaivada se affigurava a mais benemerita acção da sua longa vida de pseudo-artista.

Um dos artistas notaveis, que collaboraram na confecção do grande monumento, foi Gaspar Dias, pintor de merecimento, do qual ainda existem alguns quadros, e que parece haver trabalhado em Belem, de 1530 a 1548.

Ha quem attribua a um italiano, João Pottassi, a idéa do monumento em questão. Este asserto é, porém, facil de repellir victoriosamente, porque, alem de não existir documento algum legitimado que authorise a associar tal nome á erecção do mosteiro de Belem, é intuitivo que só um portuguez illustre, nascido no meio fortemente oxygenado de enthusiasmos viris e grandes magnificencias que então se respirava em Portugal; acalentado no berço pelos canticos altisonantes da nossa sublime epopeia maritima; crescido no exemplo frequente de excelsa dedicacão, de strenuo valor, de nobres ambições, de legitimo orgulho, de poderio immenso, que formavam a base do viver de nossos avós: só esse, por um admiravel esforço do seu genial espirito, poderia conseguir dar forma e vulto na pedra á immorredoiria série de portentosas façanhas, que, ainda hoje, são o nosso melhor titulo á consideração de extranhos.

Esse portuguez foi com toda a probabilidade, quasi com certeza, mestre Boutaca: João de Castilho por certo não.

Antes que termine este artigo cumpre-me recordar que parte da capella-mór do formoso templo dos Jeronymos chegou ainda a ser construida segundo o delineamento de Boutaca; porém como as festividades do Jubileu não podessem estadear n'ella á vontade, por exigua em dimensões, as suas mundanas pompas, mais pagãs do que proprias do christianismo, demoliu-se o que havia feito, apeou-se a florida trama, derruiu-se o remate d'aquella epopeia de pedra, para dar lugar a uma nova construcção mesquinha de labores artisticos, mas rica em marmores, mas ampla, mas sonora, onde as larynges monachas conseguissem superar em stridor e dissonancia a voz do seu simeo antepassado — o stentor; onde a pachorra fradesca — nédia, bojuda, rubicunda — se fosse refestellar gostosa com o abdomen repleto por effeito de abstinencias... de jejuns.

Não terminarei ainda sem que levante um afflictivo brado de indignação ante essa acanhada torre, ante esse envergonhado espelho, ante esses anachronicos botareus, incorrectos, anormales, destoantes, que a precipitação ou a ignorancia ousou enxertar no templo afeitando-o, quando pretendia aformoseal-o, completando-o! Concebera em 1866 o sr. Possidonio da Silva um projecto de restauração que ao menos tinha character, e que, talvez por isso mesmo, quiz o máo fado portuguez não fosse acceite. Consistia a ideia do distincto architecto em flanquear a porta principal por duas grandes janellas, de volta redonda, analogas ás que se admiram aos lados da porta lateral e que são peculiares do estylo manuelino, e encimal-as cada uma por sua torre. Pôde dizer-se que elle advinhou a existencia d'aquellas janellas no plano primitivo, pois que quando em 1872 foi demolido o altar de marmore sito junto á porta principal e onde — refere a tradição — fôra dita a missa precessora da partida da frota de Vasco da Gama, ahi se encon-

traram vestígios de uma das tres janellas, do lado do mar. Convem registrar accentuadamente factos d'esta ordem, para que os posteriores não affirmem que Portugal do seculo XIX era incapaz de comprehender o Portugal do seculo XVI, carecendo, para que se restaurasse um monumento nacional, ir esmolar cabisbaixo o valimento do um extranho, que o mimoseou com um disparate.

Concluo rogando com instancia á Academia de Bellas-Artes que torne obrigatorio o estudo da architectura nacional, ministrando aos seus alumnos larga cópia de conhecimentos d'ella, não só theoreticos, como tambem essencialmente praticos, fazendo com que elles proprios modelem os principaes ornamentos. Na Hespanha vão os estudantes de architectura civil em digressão annual a Granada e a Sevilha estudar com attenção e reproduzir conscienciosamente os mossetemanos arabescos.

Só assim poderá o artista comprehender bem os differentes typos architectonicos, para mais tarde saber pol-os judiciosamente em execução. Mas se a incuria continuar partindo das regiões onde officialmente deve ser cultivada a Arte, não será por certo o exorço individual de raros, ainda que strenuos propugnadores do Bello, que ha de purificar o nosso derrancado senso estheticó, que ha de levantar o nosso tão deprimido nivel artistico.

ABEL ACACIO.

A LUTUOSA

(Conclusão)

La o José Vineta, com a enxada ao hombro, a transpôr um vallado, que limitava uma bouça, quando lhe surdiu d'entre as giesteiras o Joaquim ferrador, pallido, a tremer, com as mãos mettidas nos bolsos da jaqueta.

— O' sr. José — disse elle affrontando o lavrador com o cenho carregado — eu vinha aqui pagar-lhe a divida do sr. tenente.

O Vineta, no acto de surpresa ficou a pá da enxada no chão, e observou:

— Então sempre pagou, Joaquim?

— Pagou, pagou, seu alma do diabo! — praguejou o ferrador. — E pagar, ha de você pagar, mas é no meio do inferno, onde já está vestido e calçado.

— Você que diz, homem?

— Digo que foi você quem matou o sr. tenente.

Esta affirmativa assacada assim fez que o Vineta remasse de um salto, fitando os olhos espantadiços no ferrador, que espumava de raiva, com os olhos injectados de raios sanguineos. Depois de uma curta pausa, o lavrador perguntou com voz humilde e dolorosa:

— Morreu o tenente? Você diz que morreu o tenente?

— Digo sim, sr. — respondeu o Joaquim, acenando affirmativamente a cabeça — E digo que foi você que o matou, seu maroto.

O Vineta, quando tal ouviu, desatou a gritar desesperado:

— Mentiram-lhe, sr. Joaquim, mentiram-lhe. Ai! que estou perdido!

— Não mentiram, não sr. — oppoz o outro com desdem. — Nem só com uma espingarda é que se mata um homem. Para uma pessoa dos brios do sr. tenente uma affronta fariã tanto mal como uma navalhada no coração.

O Vineta, n'este ponto, caiu em si: assaltou-o o remorso.

E tirando o chapen, e batendo repetidas palmadas na testa, o pobre homem afflicto, a tremer, angustiado, exclamava com uma voz convulsa:

— Ai! Jesus! O que eu fui fazer! Ai! os meus peccados, sr. Joaquim! Ai! Jesus!

O ferrador chegou a ter commiserção. Sentiu-se mais alliviado com ter despertado na alma do Vineta o sentimento do remorso. Satisfazia-o a convicção de que tinha procedido

com justiça torturando d'aquelle modo o delinquente. Elle esperava que o Vineta se não exasperasse, que recebesse a noticia com a satisfação egoista do avarento que vê resgatado o seu thesouro. Enganou-se.

— Ah! está o que vocês fazem! — limitava-se a dizer enxugando as lagrimas no canhão da vestia.

O Vineta arrebellava-se, batia com os pés juntos no chão, soluçava, e sentia nos gorgomillos um nó que o estrangulava. Coitado! manifestava assim a sua dôr!

— Agora — disse o ferrador — quando quizer o seu dinheiro, busque-o em minha casa. O que lhe peço é que o não exija da pobre viuva, que nem lhe ficou com que comer.

O Vineta fez um gesto energico do pescoço como quem traga um gorgolão, e respondeu d'afogadilho:

— Dinheiro! Eu quero lá o meu dinheiro! Não, sr. Joaquim, péla alma de quem lá tem, não me falle mais n'isso! Pelo amor de Deus, sr. Joaquim, eu não quero ouvir fallar mais.

O ferrador ouvia-o já movido á commiserção.

O Vineta implorava de mãos postas:

— Se é meu amigo, sr. Joaquim, não me falle mais no dinheiro! Adeus! Não hei de finir por isso! Enquanto Deus me der saude, estes dois braços não são senão para trabalhar.

Ao cabo d'esta lamuria, e feitas umas promessas reciprocas, separaram-se.

O Vineta atirou com a enxada para o meio do campo, ageitou o collarinho que se tinha desabotoado no acto da afflicção, e tomando um expediente, disse:

— Vou d'aqui aos Vinhaes.

E dirigiu-se para casa do tenente, a passos largos, fallando só, batendo repetidos murros com ambos os punhos cerrados no alto do frontal.

Estava D. Carlota com o abbade na sala de visitas, quando a Izabel lhe veio dizer que o Vineta lhe queria fallar.

— Tambem é — disse o abbade — ha de vir para o mesmo. Será melhor que v. ex.^a o mande subir.

Subiu o Vineta; e, ao entrar na sala, vendo a viuva vestida de luto rigoroso, com um longo vestido de merino preto, que lhe fazia realçar a pallidez e definhamento do rosto, o lavrador estacou perturbado.

— Entre, sr. Vineta — disse-lhe D. Carlota com um modo affavel.

— Entra Vineta — ordenou o abbade — entra, que eu já sei para o que tu vens.

O abbade sentia-se bem, mais á vontade, tendo ao seu lado o Vineta, que elle suppunha viêra alli reclamar igualmente a sua divida.

O Vineta adiantou dois passos, e, com os olhos no chão, repassando machinalmente os dedos pelas abas do chapen que tinha entre as mãos principiou com uma voz tremula:

— Eu venho aqui pedir perdão, minha senhora. Queira perdoar.

O abbade, ouvindo isto, teve um sobresalto. Ficou sem pinga de sangue. Pois quê? Accaso o Vineta fariã como o doutor, que prescindia da divida? — pensava elle. O Vineta? O proprio que, tres dias antes, ameaçara o tenente?

Aquillo tudo confundia-o. Principiou a sentir um zunido aspero nos ouvidos, que o estonteava. Até lhe parecia que já não via bem. Carregou o sobrolho e observou com voz desdenhosa:

— Deixa-te de lérias! Tu o que queres, Vineta? Queres o teu dinheiro, não é? E' é; que tambem eu aqui estou para o mesmo.

O lavrador lançou os olhos terriveis para o abbade, e, passado um instante, respondeu:

— Não é, não, sr. abbade. Não quero o meu dinheiro, não sr. Quero que me perdoem o ter n'outro dia exigido aqui que m'o entregassem.

E voltando-se respeitosa e humildemente para a viuva disse:

— Minha senhora, se v. ex.^a quer que eu seja um homem feliz, diga que me perdoa o meu atrevimento.

— Ó sr. Vineta! — disse D. Carlota commo-vida.

O Vineta então levantando mais a voz, exclamou, fitando o abbade:

— Aqui não se me deve nada! A mim, sr.^a D. Carlota, não se me deve coisissima nenhuma.

E aquella extranha excitação de alegria que o transfigurava, saccou rapidamente do bolso interior da jaqueta uma grande carteira de coiro encarnado, retirou d'ella um papel selado, e disse:

— Aqui está o recibo. Com sua licença...

E rasgou febrilmente a meia folha de papel em muitos pedacinhos, atirando-os para o fundo da sala de um modo peremptorio.

— Agora, sr. abbade — continuou elle, sentindo-se superior ao padre — se ali tem algum recibo faça o mesmo que eu acabo de fazer. Ande, sr. abbade! De si é que devia partir o exemplo.

O doutor Sebastião, que ia a entrar na sala, parou á porta, assistindo ainda á generosa acção do Vineta. Dirigiu-se ao lavrador, estendeu-lhe a mão, e disse-lhe:

— Fizeste uma boa acção! Até certo ponto emendaste o mal que tinhas feito.

O abbade ergueu-se muito pallido, com as narinas dilatadas, a respiração oppressa.

— Pois eu infelizmente — tartamudeou n'um tom de humildade hypocrita — não posso fazer o mesmo. Tenho encargos, e, como tenho encargos — encolheu os hombros e proseguiu — não posso deixar de exigir, já não digo toda, mas pelo menos parte da minha divida.

Sou um pobre clerigo, e toda a gente sabe os encargos do sacerdocio... Por isso, digo, custa-me muito, mas...

O doutor lançou as mãos ao braço do Vineta, que ia a lançar-se sobre o abbade, rosnando: ai! que maroto este! e afastando-o para o lado, dirigiu-se lentamente para o padre e disse-lhe:

— Minha rica senhora, é muito respeitavel o sentimento de v. ex.^a; mas n'estas occasiões...

— Mas — interrompeu o medico — mas o quê, sr. abbade?

O abbade declarou terminantemente que se lhe deviam 420\$000 réis. Que a ter de dar-se o espolio em pagamento de dividas, elle, pela sua parte, se contentava com ficar com o crucifixo.

— Ha-de pagar-se por inteiro a sua divida, sr. abbade.

— Tanto não exijo eu; bem reconheço o que são desgraças, sr. doutor. Eu tambem tenho coração.

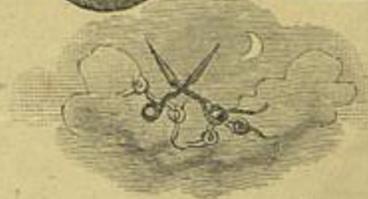
— Mas é de pedra — gritou o Vineta.

D. Carlota teve de intervir. Declarou que a mobilia, as roupas, as joias, tudo o que houvesse em casa de algum valor cederia para pagamento de dividas. Pedia que lhe deixassem ficar a cruz do santuario, cuja conservação na familia era o fervoroso desejo de seu marido.

Aqui oppoz o abbade:

— Como sacerdote — terminou elle, levantando os olhos ao céu — estimarei ficar com o Senhor!

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

O mundo é entremez para quem vê, mas não para quem sente.

O medico sorriu-se, e observou-lhe pausadamente :

— Olhe, sr. abbade, esta senhora vae despojar-se da mobilia e de algumas joias para saldar as dividas que deixou o sr. tenente. Depois ha de recolher-se com a filha ao convento dos Remedios, em Braga, para onde vão viver na companhia de minha irmã viuva. O soldo do falecido junto a algum dinheiro que a menina e a mãe adquiriram pelo seu trabalho ha de chegar-lhes para ali viverem. Eu—desculpe-me, — minha senhora — prescindo de receber; este homem — disse, apontando o Vineta — dá as suas contas por saldadas, e v. s.^a, o ministro da egreja, o representante de Jesus Christo na terra, v. s.^a quer receber em pagamento de 420\$000 réis, total de uma minguada quantia emprestada a juros de usurario — acentuou o doutor — quer receber uma obra d'arte, que v. s.^a e eu vimos avaliar em cem libras! É isso o que lhe ordena a sua religião, sr. abbade?

O doutor Sebastião aproximou-se, e disse-lhe com uma voz severa:

— Em minha casa ha de v. s.^a receber por inteiro a divida



AFFONSO DOMINGUES — Architecto do convento de Batalha (copiado do busto existente na casa do capitulo do mesmo convento) (Vide artigo Architectos da Batalha e dos Jeronymos)

do sr. tenente Jeronymo de Barros. Vá fazer as suas contas, e leve-me o recibo quando quizer.

Como o abbade olhasse espantado para o medico, este continuou com um sorriso ironico:

— V. s.^a sabe quem comprou Jesus por vinte dinheiros? Sabe quem o vendeu?

Pois queria v. s.^a agora repetir o papel de Judas para vender outra vez Jesus a qualquer philisteu!

Depois, apontando-lhe a porta, ordenou-lhe de um modo solemne:

— Saia d'esta casa, senhor, saia!

O abbade, corrido, acovardado, atravessou a sala, de cabeça baixa, a tremer, e saiu.

Assim que se viu no meio dos campos, olhou em torno de si, respirou desaffrontado, e batendo com o espigão da bengala no chão, exclamou, cheio de colera:

— Ora cebolório! Lá se me foi o negocio pela agua abaixo.

Refiro este acontecimento a um amigo que, ha poucos mezes, sustentava que a *Lutuosa* era um justissimo tributo!

ALBERTO BRAGA.

BIBLIOGRAPHIA

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ. — Está publicada a 8.^a caderneta d'esta importante obra dirigida com extrema dedicacão e muito talento pelo distincto escriptor o sr. Francisco d'Almeida. O *Diccionario Universal* chega já ás letras *Af.* completando 384 paginas. É o mais completo e o mais detalhado que se tem escripto na lingua portugueza, encontrando mesmo muito poucos que no seu genero possam rivalisar com elle no estrangeiro.

Esta obra, não honra só as letras, honra o trabalho nacional, dando ao mesmo tempo provas de uma grande energia, senão de um extremo heroismo por parte da empresa. O publico deve pois fazer-lhe justiça dispensando-lhe o favor que exigem taes obras para chegar à conclusão.

O *Diccionario Universal* não é apenas um livro, é uma grande bibliotheca, facil de obter pelos que não desdenham os conhecimentos indispensaveis em qualquer homem do nosso tempo.

A assignatura continua aberta na livraria Zeferino, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa.

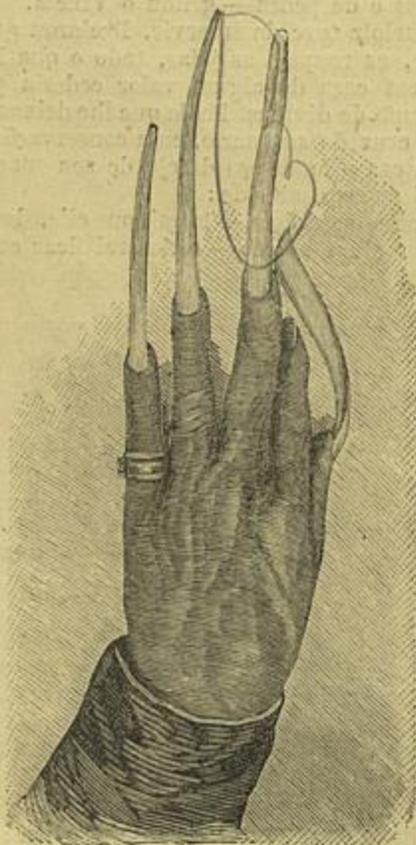
Cada caderneta de 48 paginas 400 réis.

As *VESPAS*, *Revista mensal, critica e humoristica*. Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Porto. — Recebemos o primeiro fasciculo d'este repositório de conceitos alegres que o sr. Eduardo de Barros-Lobo, começou a publicar. O nome do auctor é uma garantia de que a publicação terá graça e bom senso.

Como provavelmente ás *Vespas* está destinada uma longa carreira teremos de fallar mais detidamente do espirito que as anima.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6 Rua do Thezouro Velho, 6



MÃO E UNHAS
DE GRANDE SENHOR CHINEZ



MÃO E UNHAS DE GRANDE SENHOR ANNAMITAS